

28/8/58

UMA SUGESTÃO

«MUNDO ILUSTRADO» publica uma entrevista feita em Petrópolis com Sua Alteza Imperial D. Esperanza de Orleans e Bragança, em que aparecem fotos de seu caçula, Francisco, de dois anos e meio. A entrevista não tem nenhuma importância, mas o garotinho é lindo.

Estive pensando uma coisa. A política brasileira anda tão sem jeito, as instituições funcionam tão mal e os partidos são tão sem sentido que acho que não pioraria muito a gente voltar à monarquia. Não conheço a família real brasileira, nem mesmo sei precisamente qual de seus membros tem direito ao trono. Creio, entretanto, que se trata de gente de bem, e discreta. Não seria difícil encontrar um rei razoável — e afinal de contas tudo o que se pede hoje em dia a um rei é que seja razoável.

O povo, eu acho, toparia. Povo gosta de rei. Os outros países do Hemisfério, principalmente a Argentina e os Estados Unidos, iriam se morder de inveja. O Brasil teria uma propaganda fabulosa no mundo inteiro, e o belo príncipezinho poderia conseguir até uma capa de «Life» ou de «Paris-Match».

Já pensaram no que isso representaria para nós em turismo — e em dólares? A manutenção da família real não custaria mais caro para o país que um tabelião de um bom cartório — e seria uma inversão altamente reprodutiva. Quanto à nobreza, a gente aproveitaria as sobras da antiga e faria uma nova, cobrando bem caro os títulos; um sujeito para ser barão teria de se explicar perante a Fazenda Real, e ainda pagaria uma taxa anual de baronato, juntamente com o imposto de renda. Dois mil barões inicialmente, mais uns mil viscondes, quinhentos condes, trezentos marqueses e cinquenta duques poderiam equilibrar o orçamento na União; nada impede também que se formassem nobrezas estaduais e mesmo, nos grandes centros, municipais; não havia isso antigamente na Itália?

Eu acho que é a única saída, dr. Lucas Lopes.

*Doq em
diamb*